

## COMUNICAÇÃO ANTIRRACISTA

**Jersey Simon da Silva Ferreira<sup>1</sup>**

Para compreender os conceitos de práticas antirracistas e sobre o poder da comunicação antirracista, faz-se necessário aprofundarmo-nos no conhecimento da filosofia da linguagem e da Semiótica que, em síntese, é o estudo dos processos de signos, que, por sua vez, pode ser definido como qualquer coisa que comunica algo, geralmente chamado de significado.

Em sua obra *A mídia e a modernidade*, John Thompson defende que a comunicação é um instrumento para mediação de diferentes formas de poder na sociedade. Ele estabelece quatro tipos de poder: o econômico; o político; o coercitivo e o simbólico. Thompson (2001) defende que a comunicação está intrinsecamente ligada ao poder simbólico que é “a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transformação de formas simbólicas”.

Mikhail Bakhtin, em sua obra “Marxismo e filosofia da linguagem”, trabalha a natureza social da enunciação. Para ele, a palavra tinha importância estratégica para o marxismo, uma vez que a burguesia do seu tempo desenvolvia sua filosofia sob o signo da palavra. Ele afirma que “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo”. Por exemplo, o pão no ritual católico da missa significa o corpo de Cristo; já para os movimentos negros o punho cerrado significa a resistência negra contra a opressão racista.

Para Bakhtin não resta dúvida: “Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.)”. Tais critérios e índices de valor mudam conforme as classes ou grupos sociais. Em outros termos, uma palavra, uma expressão, uma imagem pode significar coisas diferentes para grupos e classes sociais diferentes, mesmo estes servindo-se “de uma só e mesma língua”. Nas palavras de Bakhtin “consequentemente, em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes”.

Esta plurivalência social do signo ideológico é um traço da maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir. O signo, se subtraído às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, irá infalivelmente debilitar-se, degenerará em alegoria, tornar-se-á objeto de estudo dos filólogos e não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade. A memória da história da humanidade está cheia destes signos ideológicos defuntos, incapazes de constituir uma arena para o confronto dos valores sociais vivos (Bakhtin, 2016, p. 46).

O cerne do pensamento de Bakhtin revela-nos que o caráter essencialmente social da linguagem, da comunicação, torna o signo - ou o significado das coisas - a arena onde

<sup>1</sup> Jornalista com 10 anos de formação. Recentemente ganhou o 9º Prêmio Sebrae RJ de jornalismo. É mestrando do Programa de Políticas Públicas e Formação Humana, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro PPFH – UERJ, onde pesquisa “Relações étnico-raciais e formação policial”. Atuou na secretaria de Direitos Humanos de Niterói, na qual coordenou o Programa de Educação em Direitos Humanos e na Subsecretaria de Promoção da Igualdade Racial (SUPIR), onde desenvolveu políticas públicas voltadas para o combate ao racismo e ações afirmativas.

classes sociais e ideologias estão em disputa. “O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: a luta de classes”, afirma o autor russo.

Enegrecendo este debate, pode-se dizer, então, que o racismo enquanto ideologia e o antirracismo enquanto luta por igualdade e reparação histórica estão em disputa na arena do signo. É por isso que a comunicação é vital para a manutenção ou para a desconstrução do racismo. E como “a palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais”, a luta antirracista utiliza-se da extinção ou da ressignificação de determinadas palavras, termos e/ou expressões racistas.

“Enegrecer”, utilizado acima, por exemplo, ganha novo significado ao compreendermos que tornar um ambiente ou mesmo um debate mais negro é algo positivo dentro dos critérios de avaliação ideológica dos movimentos antirracistas; a própria palavra “negro” foi ressignificada pelos movimentos negros ao longo dos anos. Já “mulata”, “criado-mudo” e “denegrir” são expressões carregadas de significados racistas.

Se o racismo está no modo “normal” com que se constituem as relações, logo a nossa comunicação está permeada de racismo. Frantz Fanon afirma que: “No contexto colonial, o colono só dá por findo seu trabalho de desencantamento do colonizado quando este último reconhece em voz alta e inteligível a supremacia dos valores brancos”. Tudo isto tem consequências nefastas para as pessoas negras ao produzir um auto-ódio, uma negação da própria existência. Em outras palavras, o racismo marca as subjetividades negras de modo visceral.

Na arena do signo, na ideologia do dia a dia, a versão branca e eurocentrada da história esteve vitoriosa por séculos, em que pese a resistência do povo negro, inclusive influenciando e alterando a língua portuguesa com a incorporação de palavras e expressões africanas. Porém, como afirmou George Orwell, autor de *A revolução dos bichos* e 1984, “a história é escrita pelos vencedores”. A historiografia do Brasil sempre invisibilizou a contribuição dos negros nas mais diversas áreas e promove o apagamento de personagens fundamentais para a construção da nação. A Comunicação antirracista busca dar visibilidade a estas pessoas, de modo a reestabelecer a verdade dos fatos, alterar e ressignificar a ideia de heróis e heroínas nacionais.

É nesta perspectiva que o sociólogo e estudioso das epistemologias do Sul Global, Boaventura de Sousa Santos, cria o conceito de epistemicídio, que é o processo de invisibilização e ocultação das contribuições culturais e sociais não reconhecidas pelo ‘saber’ ocidental. Trata-se de uma escolha política, uma escolha permeada de ideologia racista, de uma visão de mundo eurocentrada que inferioriza outros saberes. É aquilo que a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie vai chamar de “perspectiva da História única”.

É deste modo, por exemplo, que a Educação, a instituição escolar, pode, ao invés de reduzir, aprofundar o racismo na sociedade “ao apresentar um mundo em que negros e negras não têm muitas contribuições importantes para a história, literatura, ciência e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes” (Almeida, 2019, p. 65).

Para nos convenceremos de que existem lugares de negro e lugares de branco na sociedade, ou no mínimo não nos espantarmos com essa constatação, não basta ler os livros de autores racistas. (...) É necessário, por exemplo, que, ao frequentar a escola, as lições desses autores racistas sejam acompanhadas de uma realidade em que os professores sejam brancos, os alunos sejam brancos e as pessoas consideradas importantes sejam igualmente brancas (Almeida, 2019, p. 66).

Para Almeida (2019), a ideologia atua justamente fazendo com que as pessoas acreditem naquilo que assistem na TV ou leem nos sites de notícia, tornando real as representações de suas relações com a realidade, o que não necessariamente reflete a realidade social. Deste modo, a ideologia “não é uma representação da realidade material, das relações concretas, mas a representação da relação que temos com essas relações concretas” (Almeida, 2019, p. 65, 66).

Ao adquirir consciência racial e postura antirracista, a pessoa não apenas deixa de usar determinadas expressões, ela busca ressignificar palavras, conceitos e imagens, gestos; ela ativa mecanismos de automoderação e promove a conscientização de outras pessoas com objetivo último de alterar a realidade opressiva do racismo estrutural. Da mesma forma agem as instituições quando adotam uma comunicação antirracista.

A comunicação antirracista é, portanto, uma luta política travada na arena do signo ideológico, na ideologia do cotidiano, no campo do simbólico, que se utiliza dos instrumentos próprios da comunicação - **da linguagem, da semiótica, do imagético, do gestual, bem como das técnicas e estratégias comunicacionais** - visando a reparação histórica, a inclusão e o acesso à direitos e a ressignificação dos papéis sociais e das representações de pessoas negras na sociedade.

A comunicação antirracista tem mobilizado aqueles temas sensíveis para as pessoas negras, mas que permaneciam interditados no debate público. Conforme aponta Djamilia Ribeiro, **“não podemos combater aquilo que não tem nome”**. É preciso nomear as opressões. É por este motivo que, nos últimos anos, vê-se com tanta força expressões que passaram anos interditadas, algumas até mesmo classificadas como tabu. O próprio uso das palavras “preto”, “negro”, “branco”, “racismo”, “racista” são alguns exemplos.

Tal interdição está relacionada com o tipo de racismo presente no Brasil, que por décadas esteve amparado no conceito de Democracia Racial. A obra de Gilberto Freyre, “Casa-grande & senzala”, um clássico da literatura brasileira, foi um dos principais vetores desta ideologia. O mito da Democracia racial era um dos pilares para a falsa afirmação de que no Brasil não existia racismo e que negros e brancos conviviam pacificamente, sem conflitos raciais.

Como se trata de uma luta política travada no campo do simbólico, na arena do signo, a comunicação antirracista encontra resistências por parte dos grupos e classes dominantes. Conforme Bakhtin, “é este entrecruzamento que torna o signo vivo e móvel”. No debate sobre as cotas raciais, por exemplo, a comunicação antirracista trabalha com o debate da reparação histórica da Escravidão e com a perspectiva da abolição sem direitos; enquanto os grupos contrários utilizam-se do argumento de que as cotas deveriam ser para pessoas de baixa renda, uma vez que existem pessoas brancas pobres com dificuldade de acesso à universidade.

A promulgação da Lei 12.711/2012, que versa sobre a reserva de vagas em instituições federais, levou anos de articulações políticas dos movimentos negros junto à classe política e contou com diversas estratégias de convencimento da opinião pública. Foram debates acalorados nas redes sociais, incorporando expressões meméticas como “mimimi” e conceitos equivocados como “racismo reverso”. Ainda há muitos outros temas a serem debatidos na perspectiva da comunicação antirracista. As relações interraciais, a solidão da mulher negra, a hipersexualização dos corpos negros, a violência contra jovens negros, o próprio mito da democracia racial são alguns dos temas que tem sido levantados no debate público nos últimos anos, seja através das mídias sociais ou de programas de grande audiência como telenovelas, reality shows, podcasts etc.

## Conclusão

A expressão “é coisa de preto” é uma dessas expressões que têm se deslocado do lugar da inferiorização para o da excelência negra, apoiada no movimento internacionalmente conhecido como “Black excellence”. A luta antirracista, no entanto, não é coisa de preto, é papel de todas as pessoas comprometidas com um mundo mais justo e menos desigual.

Pessoas brancas devem se engajar na luta antirracista, mesmo não experimentando a violência racista, não sendo discriminadas nos lugares por serem brancas, nem reprovadas numa entrevista de emprego por serem brancas. Mesmo assim, devem ser antirracistas. O primeiro passo é reconhecer a branquitude como lugar de privilégio. Djamilia Ribeiro afirma que “uma pessoa branca deve pensar seu lugar de modo que entenda os privilégios que acompanham a sua cor”.

Outro conceito trabalhado por Djamila é o de “lugar de fala”. Ele nos ajuda justamente a compreender nosso local de fala na luta antirracista, uma vez que cada pessoa existe e fala de um lugar social diferente; negros e brancos participam da luta antirracista de lugares diferentes, porque enquanto um faz parte do grupo oprimido o outro faz parte do grupo opressor. Pessoas brancas se beneficiam do racismo, querendo elas ou não. O importante é a compreensão de que mesmo falando de lugares diferentes, tem espaço para todas as pessoas na luta.

Da mesma forma que todo signo ideológico tem correspondência na realidade, a comunicação antirracista visa estabelecer efeitos práticos, intervindo na ordem vigente, inscrevendo-se numa materialidade reparadora. Da arena do signo ela deve transformar o mundo das coisas, das pessoas, reestabelecendo pactos, curando feridas e gerando constantes e progressivas libertações para os povos oprimidos.

## REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Sílvio Luiz. Racismo Estrutural. São Paulo: Jandaíra, 2020

ARENDT, Hannah, 1906-1975. Origens do totalitarismo: Hannah Arendt; tradução Roberto Raposo. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1995.  
BORGES, Juliana. Encarceramento em massa. São Paulo: Pólen, 2019.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia / John B. Thompson : tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. - Petrópolis, RJ : Vozes. 1998.



**Expediente:** Este boletim é uma publicação do CRESS 12ª Região - Gestão 2023-2026.

**Comissão de Comunicação:** Cassiano Ferraz, Bruno Gonçalves Gavião, Flávia de Brito Souza, Karoline Gonçalves, Latoya de Oliveira Costa Ramos da Silva e Simone Dalbello.

**Diagramação:** Cassiano Ferraz - Assessor de Comunicação (comunicacao@cress-sc.org.br)